

Marangão fecha tudo e põe no "over"

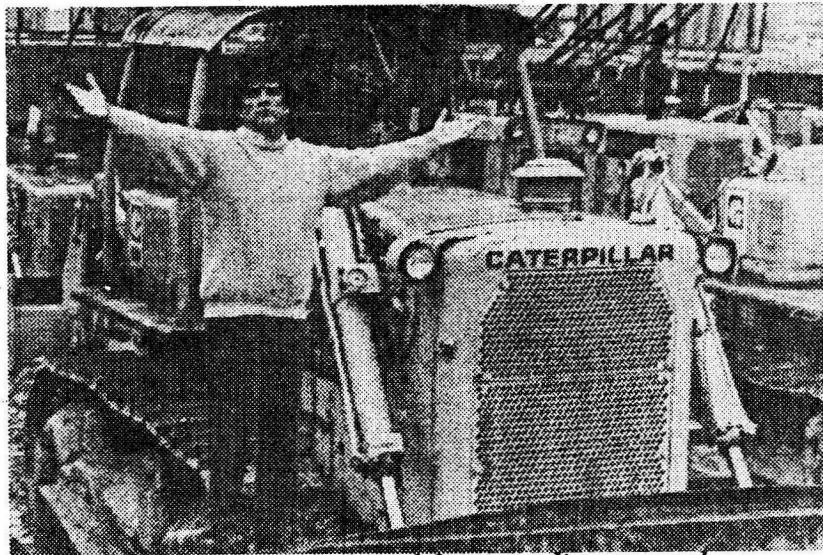
S. Paulo — Murilo Menon

SÃO PAULO —Em setembro do ano passado, quando o país do Cruzado ainda convivia com as baixas taxas de juros e de inflação, um empresário paulista, Antonio Marangão, 43 anos, dono da Transmarangão (empresa que atua em obras de saneamento básico e de conservação de estradas e ferrovias), decidiu que era hora de fazer novos investimentos: levantou um financiamento bancário de CZ\$ 20 milhões, a juros de 2,9% ao mês, para comprar mais caminhões e equipamentos e contratar mais operários.

Passados oito meses, com os juros e a inflação disparando às alturas, a Transmarangão demitiu 300 de seus 700 empregados e prepara-se para demitir a metade dos 400 restantes no começo de junho, porque vem trabalhando no *vermelho*: fatura CZ\$ 4 milhões por mês, o suficiente apenas para pagar os juros do financiamento bancário.

Antonio Marangão, mesmo atolado em compromissos que aumentam a cada mês, finca o pé e diz que jamais pedirá concordata. "Isso significaria uma derrota; prefiro a falência", diz. "O concordatário passa a ser servido, até malvisto, e os bancos não lhe abrem as portas para qualquer tipo de operação."

Nesse impasse, o empresário foi ao limite e decidiu dar um prazo de 90 dias — contados a partir do início deste mês — para que o governo apresente um plano viável para retomar o controle da economia. Se tal não acontecer, ele promete fechar a firma, despedindo todos empregados. Ele já fez até os cálculos do quanto lhe custará uma atitude como essa. Setenta por cento do valor do que foi hipotecado para a renovação do crédito



Antonio Marangão prefere falir a pedir concordata

to bancário (máquinas, equipamentos, caminhões e um prédio onde funciona a oficina da empresa) ficariam para o banco e o restante (uns CZ\$ 10 milhões) seria o saldo de Marangão. — Aí, posso ganhar uns CZ\$ 2 milhões mensais no *overnight* sem nenhuma preocupação e ainda tocar minha fazenda, em Garça.

Feitas as contas, tal intenção ganha força: o grande capital empatado (em torno de CZ\$ 50 milhões), aplicado no *over*, renderia algo em torno de CZ\$ 10 milhões mensais. Mantendo a empresa, Marangão trabalhará com mais prejuízos, porque muitos dos contratos — todos com órgãos do governo estadual — foram assinados no ano passado e não sofreram

reajustes. Além disso, o esquema de pagamento, previsto em contrato, leva a empresa a ter déficit nas suas operações: no ano passado, quando a inflação mensal era de 2% ou 3%, a Transmarangão recebia o dinheiro dois meses após a medição de um trabalho de 30 dias; agora, porém, com uma inflação que deve ficar em torno dos 25% em maio, os juros bancários vão correndo e a perda é enorme. Marangão disse que desde a explosão dos juros, em fevereiro, vem tirando dinheiro do bolso para equilibrar os custos das empresas, algo em torno de CZ\$ 1 milhão mensais, recorrendo à venda de 400 bois e 2 mil 500 sacas de café este ano.